

UM ESTUDO VARIACIONISTA DE /λ/ NO PORTUGUÊS FALADO DO VALE DO MAMANGUAPE PARAIBANO³

Josenildo Barbosa Freire

“Variety is the spice of life” (William Cowper)

1. INTRODUÇÃO

Os sons e os padrões das línguas variam e/ou mudam continuamente no tempo e no espaço. Assim, variar e mudar constituem fatores intrínsecos às línguas naturais. Essa realidade linguística pode ser verificada ao se estudar, por exemplo, um som denominado de segmento lateral palatal /λ/. Diversos estudos, tanto do ponto de vista diacrônico quanto da sincronia da língua, e especificamente considerando o português falado, evidenciam que ocorreram (e ocorrem) processos de variação linguística envolvendo o uso desse som. Retomemos brevemente alguns aspectos diacrônicos, fonológicos e sociolinguísticos do segmento lateral palatal /λ/.

Do ponto de vista diacrônico, de acordo com Carvalho e Nascimento (1971), o surgimento do segmento fonológico lateral palatal /λ/ é resultado de um metaplasmo por transformação denominado palatalização. Esse processo fonológico

³ Este texto apresenta alguns resultados da minha dissertação de mestrado *Varição da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba)*. A pesquisa foi orientada pelo Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena, no Programa de Pós-Graduação em Linguística, na UFPB.

consiste na “[...] transformação de um ou mais fonemas em uma palatal⁴” (Carvalho; Nascimento, 1971, p. 40-41). Múltiplos são os trabalhos que compartilham dessa mesma proposição teórica, como os estudos de Williams (1973), Teyssier (2007 [1980]), Ilari (2008) e Silva (2013). A configuração desse processo diacrônico pode ser ilustrada com os seguintes exemplos:

- a) l (e,i) + vogal > lh: *palea* > *palha*; *folia* > *folha*; *juliu* > *julho*.
- b) Cl, pl, gl > lh: *oculu* > *oclo* > *olho*; *apícula* > *apecta* > *abelha*; *seopulu* > *ecoplo* > *escolho*; *tegula* > *tegla* > *telha*.

Segundo Bybee (2020), a palatalização é um tema muito frequente nas famílias linguísticas europeias. Esse procedimento se deu, por exemplo, nos processos de metafonia-i, como no caso da palatalização no inglês antigo, língua em que as vogais baixas sofreram processo de alçamento. Ou, ainda, no romance primitivo em que ocorreu uma série de mudanças linguísticas a partir do iode (semivogal), gerando processos fonológicos de assimilação. A assimilação ocorre, ainda, no ponto de articulação, como nos dois casos a seguir: (i) a posição final de sílaba se assimila à posição inicial de sílaba, como do latim > italiano: *nocte* > *noite*; e (ii) a consoante nasal assimila a articulação da consoante seguinte: *immobilis* > *imóvel* (Bybee, 2020).

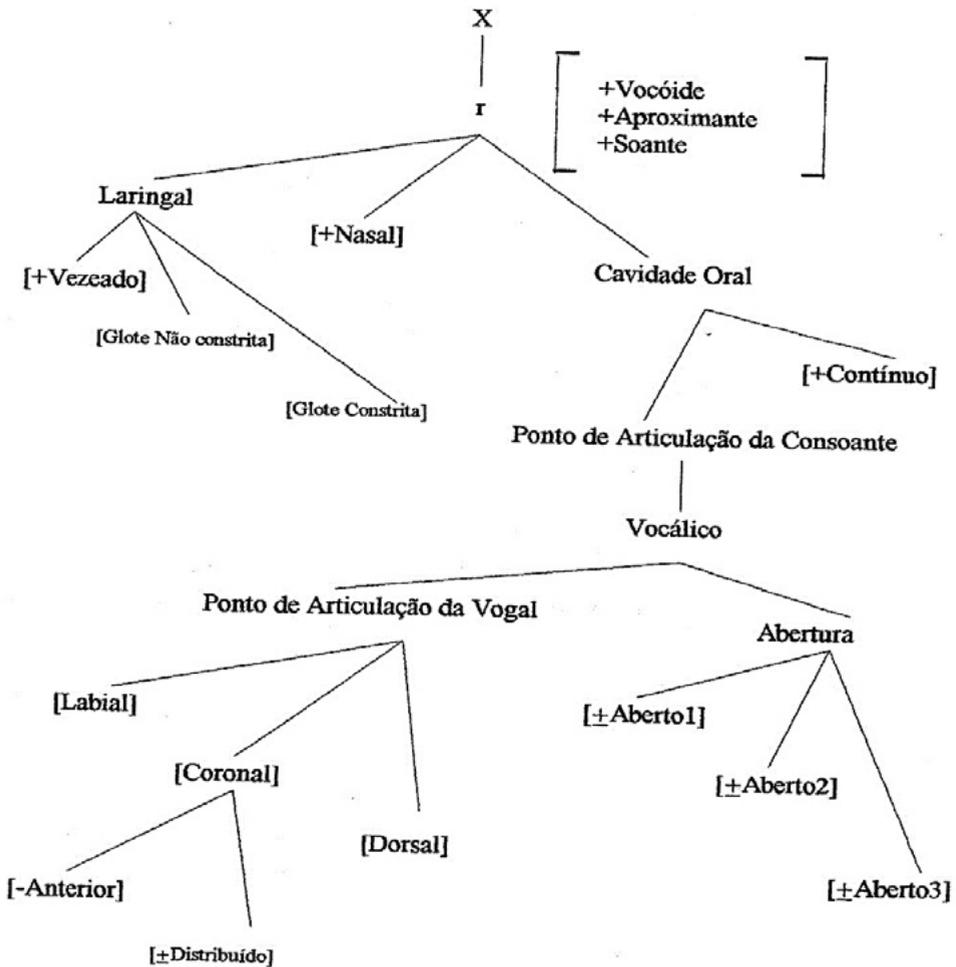
Ainda, para Carvalho e Nascimento (1971, p. 61), “Os grupos bl, gl e tl também palatalizaram em lh, quando precedidos de vogal: *tribulu* > *triblu* > *trilho*; *tegula* > *tegla* > *telha*; *coagulare* > *coaglar* > *coalhar*; *vetulu* > *vetlu* > *velho*; *rotula* > *totla* > *rólha*”. Ao analisarem o iode [y] latino no grupo ly, os referidos autores também afirmam que esse som se palatalizou em “lh”, como nas ocorrências de: *miliu* > *milyu* > *milho*; e *consiliu* > *consilyu* > *conselho* (Carvalho; Nascimento, 1971). Esse fato constitui uma inovação criada pelas línguas românicas – resultado da transformação sofrida por fonemas consonantais seguidos de vogal –, sobretudo após a reestruturação dos sistemas consonantais dessas línguas.

Amaral (2020 [1922], p. 36), ao estudar a variedade linguística chamada de “dialeto caipira”, é bastante categórico ao afirmar que “[...] a consonância palatal lh não existe no dialeto, como na maioria dos dialetos portugueses de África e Ásia, e como em vários dialetos castelhanos da América”. Essa afirmação também ilustra o contexto histórico do comportamento linguístico do segmento lateral palatal /λ/.

⁴ Segundo Cagliari (2002, p. 102-103), “Um segmento torna-se palatal ou mais semelhante a um som palatal ao adquirir uma articulação secundária palatalizada [...] ou um deslocamento articulatório em direção ao lugar de articulação palatal [...]”.

Já no que diz respeito à sua configuração fonológica, o segmento lateral palatal /ʎ/, a partir da perspectiva da fonologia autosegmental, constitui uma consoante geminada fonologicamente (Clements, 1991; Clements; Hume, 1995). Isso significa dizer que esse segmento fonológico apresenta duas unidades de tempo que se vinculam à raiz do referido segmento. Além disso, na abordagem adotada por Wetzels (1996), o segmento lateral palatal /ʎ/ apresenta um traço que expressa articulação maior [nó ponto de articulação de consoante] e articulação menor [nó vocálico]. Nesse sentido, a Figura 3.1 apresenta a representação geométrica do segmento lateral palatal /ʎ/.

Figura 3.1 – Representação arbórea de segmento consonantal



Fonte: Clements e Hume (1995, p. 37).

Essa é a configuração fonológica do segmento lateral palatal /λ/. Sem entrar em detalhes muito específicos da teoria, chamamos a atenção do leitor para a existência da camada Cavidade Oral, que se ramifica em Ponto de Articulação de Consoante e em Ponto de Articulação de Vogal. É justamente essa representação dupla de nós fonológicos que dá ao segmento lateral palatal /λ/ o status fonológico de segmento composto.

Essa representação fonológica também auxilia na compreensão do processo de variação linguística envolvendo os usos do segmento lateral palatal /λ/ no português do Brasil (doravante PB). Será pelo processo de desassociação de linhas – uma espécie de apagamento das linhas que ligam os Pontos de Articulação de Consoante e de Vogal –, que se verá que /λ/ varia com [j, l, Ø] no PB. Assim, é possível demonstrar que essa regra fonológica é natural nessa língua, pois consiste em uma única operação fonológica, como justamente prediz a sua teorização.

Em relação aos aspectos sociolinguísticos, a partir de uma abordagem sincrônica, diversos estudos têm analisado não apenas os fatores linguísticos envolvidos na variação do segmento lateral palatal /λ/, mas também as restrições sociais que condicionam o uso desse segmento no PB. Esses fatores são classicamente pertencentes ao nível de escolaridade, ao sexo, à idade e ao local de origem dos falantes, por exemplo. Inclusive, a entrada do componente social nos estudos variacionistas permitiu compreender como ocorre o condicionamento sociolinguístico dos diferentes usos linguísticos feitos pelos falantes de uma dada comunidade de fala.

A tese do condicionamento linguístico por restrições sociais vem sendo defendida nos estudos sociodialetais desde as investigações de Schuchardt (Hora, 2004; Faraco, 2005). Esse pesquisador já tinha assinalado a concepção subjetivista da língua (fala individual); ele entendia que há uma imensa gama de variedades de fala (perspectiva da heterogeneidade real da fala) e que a mudança linguística deve ser compreendida em um quadro heterogêneo do sistema linguístico.

Meillet (1906 [2020]) também afirmou que a estrutura social é um elemento desencadeador de variações linguísticas perpétuas. Contudo, como veremos na próxima seção, é justamente no quadro teórico e metodológico da sociolinguística de vertente variacionista que essas noções foram amplamente difundidas e consolidadas nos estudos linguísticos.

Castro (2006), Brandão (2007), Aragão (2008), Freire (2013), entre outros, evidenciam que os usos do segmento fonológico em discussão são condicionados por diferentes variáveis sociais, como o sexo do falante, a idade, o nível de escolaridade, o local de origem etc., como também por restrições de natureza linguística. Assim,

por exemplo, foi verificado que a predominância da manutenção da lateral palatal /λ/ se dá na fala feminina, e não na fala masculina (Aragão, 2008; Freire, 2013).

Com base na discussão anterior, neste trabalho retomaremos os resultados do processo de variação do segmento lateral palatal /λ/ falado em uma cidade do interior da Paraíba, localizada no vale do Mamanguape, litoral norte do estado. A descrição e a análise serão feitas à luz da Teoria da Variação Linguística (Labov, 1963, 1966, 1972 [2008]), que introduziu o componente social como elemento central e meio de explicação do condicionamento das línguas naturais.

Este trabalho está assim organizado: primeiramente, apresentamos uma visão introdutória sobre a Teoria da Variação Linguística (doravante TVL); em seguida voltamos aos resultados do processo de variação do segmento lateral palatal /λ/, discutindo os efeitos das variáveis linguísticas e sociais que condicionam seu uso na comunidade de fala investigada; e, por fim, apresentamos algumas reflexões finais.

2. TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Os estudos envolvendo a TVL surgem no cenário linguístico como uma reação às abordagens linguísticas estruturalistas e gerativistas. Essas perspectivas são consideradas modelos formais da língua que analisam como correlato psicológico de língua a noção de competência linguística. O contexto de surgimento da TVL é nas décadas de 1960 e 1970, sobretudo ao incorporar na descrição e na análise linguística a dimensão social da linguagem humana. Assim, essa nova abordagem toma os usos reais da língua feitos pelos falantes em situações concretas de interação verbal como formas linguísticas condicionadas também por restrições de natureza social.

Para essa nova vertente de estudos linguísticos, a relação entre língua e sociedade é central na explicação do comportamento linguístico. Desse modo, postula-se que não há independência do conhecimento linguístico em relação ao uso. A TVL, assim, distancia-se das abordagens linguísticas pautadas pela perspectiva do formalismo linguístico (Meillet, 1906 [2020]).

Wardhaugh (2010), ao justificar a relação entre língua e sociedade, também enumera algumas razões pelas quais há condicionamento social das línguas naturais. Assim, temos por exemplo: (i) a estrutura social pode influenciar ou determinar estruturas e comportamentos linguísticos; (ii) há determinadas estruturas linguísticas e/ou comportamentos que podem influenciar ou determinar a estrutura social; e (iii) a relação entre língua e sociedade é bidirecional.

Desde os trabalhos de Schuchardt (Hora, 2004; Faraco, 2005) já se entendia que a variação linguística é um fato intrínseco à língua, pois isso se trata de uma propriedade das línguas. Porém, naquele momento, de forma ainda incipiente, já se admitia que há condicionamento linguístico e variabilidade cultural na fala.

Contudo, foi somente a partir dos trabalhos pioneiros do linguista William Labov (1963, 1966, 1972 [2008]) que ocorreu a fase de consolidação da TVL como uma área de estudos e pesquisas sociolinguísticos. Labov estudou a fala vernacular de duas comunidades de fala nos EUA: Martha's Vineyard e Nova York. A investigação sociolinguística se deu em volta da centralização dos ditongos (ay) e (aw) e do apagamento do (r), evidenciando que o foco da pesquisa linguística deve estar na abordagem da linguagem em seu contexto social de uso. Posteriormente, com Weinreich, Labov e Herzog (2006), ao estabelecerem os fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística, a TVL assinalou que em todas as línguas há variação. Esse processo consiste em um fenômeno não casual, mas estruturado, condicionado por fatores sociais, culturais, cognitivos etc. e que pode resultar em mudança em progresso ou não.

Outro ganho no aparato epistemológico da TVL foi a adoção de modelos matemáticos. Nessa esteira, Cedergren e Sankoff (1974) apresentam um modelo teórico-metodológico baseado em dados estatísticos e probabilísticos para dar suporte ao conceito de regra variável,⁵ que é uma categoria básica na investigação da variação linguística.

Nesse sentido, os modelos estatísticos⁶ visam auxiliar o pesquisador da TVL na explicação do efeito de frequência de uma determinada regra variável existente em uma língua, abordagem esta que indica os aspectos probabilísticos de uso de um fenômeno sociolinguístico. A frequência e os pesos relativos, desse modo, constituem fatores de explicação do uso linguístico. Será a esses índices que o pesquisador deverá associar princípios linguísticos e não linguísticos.

Assim, a TVL passa a captar – ou a fotografar – os processos de variação linguística. Os fenômenos de variação fonológica são também fundamentalmente determinados pelo sistema fonológico da língua e condicionados socialmente, caso contrário o sistema linguístico não permitiria essa realização (Matzenauer, 2006), como veremos a seguir, na descrição e na análise da variação do segmento lateral palatal /λ/.

⁵ A noção de regra variável opõe-se ao conceito de regra categórica, postulada pelas perspectivas estruturalista e gerativista.

⁶ Por exemplo, constituem alguns dos programas computacionais utilizados no interior das pesquisas em TVL: Goldvarb X, o Programa R, entre outros.

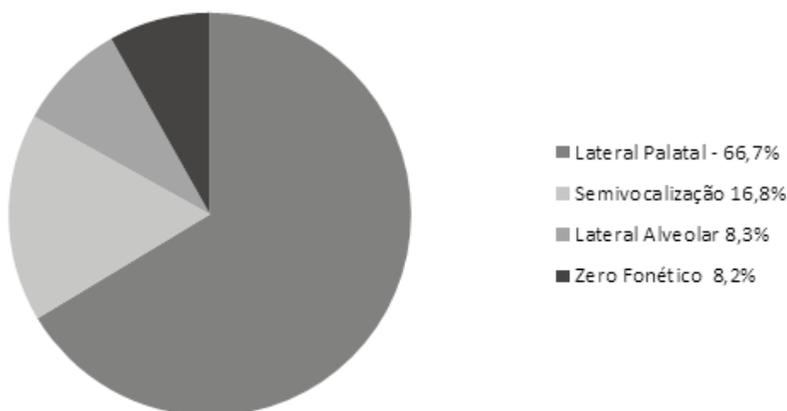
3. VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA VARIAÇÃO DO SEGMENTO LATERAL PALATAL /λ/

Na seção seguinte, vamos descrever e analisar os fatores estruturais e sociais que condicionam o uso do segmento lateral palatal /λ/ na comunidade de fala investigada.

3.1. Descrição geral dos dados

Submetemos os dados coletados ao Programa Estatístico Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Foram registradas 1.463 ocorrências, sendo 976 de aplicação da variante lateral palatal [λ], o que dá um total de 66,7% de aplicações, contra as 487 não aplicações restantes, isto é, 33,3%. O Gráfico 3.1 ilustra a distribuição geral desses dados.

Gráfico 3.1 – Distribuição total das variantes linguísticas de /λ/ no dialeto jacaraúense



Fonte: Freire (2011, p. 80).

A distribuição das variantes no *corpus* coletado no município de Jacaraú, de acordo com o Gráfico 3.1, corresponde aos seguintes valores numéricos, em termos de ocorrências:

- **Lateral palatal:** 976 ocorrências – 66,7% (em palavras como: “milho”, “trabalhando”, “melhor” [mi/λ/o, traba/λ/ando, me/λ/or]);
- **Semivocalização:** 251 ocorrências – 16,8% (alguns exemplos de palavras do *corpus* são: “trabalhar”, “molho”, “velho” [traba/j/ar, mo/j/o, ve/j/o]);
- **Lateral alveolar:** 121 ocorrências – 8,3% (em palavras como: “mulher”, “olhe”, “folhinha” [mu/l/er, o/l/e, fo/l/inha]);

- **Zero fonético:** 115 ocorrências – 8,2% (alguns exemplos de palavras do *corpus* são: “filho”, “filha”, “milho” [fi/Ø/o, fi/Ø/a, mi/Ø/o]).

Esses dados já nos permitem enumerar algumas considerações gerais. Primeiro, na comunidade de fala investigada, os índices apontam que há um processo de variação linguística envolvendo os usos da variável lateral palatal / λ /; e segundo, a variante considerada não marcada e a forma linguística mais frequente nos dados é [λ], que ocupa a primeira posição, com o percentual de 66,7%, o que corresponde a 976 ocorrências no *corpus* em estudo. Em relação às variantes tidas como marcadas, obteve-se a seguinte distribuição: a primeira posição é da semivocalização, isto é, / λ ~ [j], que atinge o percentual de 16,8%, correspondente a 251 ocorrências; e a segunda e a terceira posições são / λ ~ [l] e / λ ~ [Ø], que em termos numéricos não exibem diferenças significativas, correspondendo, respectivamente, a 8,3% (115 ocorrências) e 8,2% (121 ocorrências).

Todas essas variantes são muito frequentes nas diversas variedades linguísticas do PB. Os estudos sociolinguísticos aqui resenhados assinalam essa proposição, o que também está presente em outras línguas. Segundo Bagno (2020), a passagem de / λ ~ [j] se deu na história da língua francesa padrão, como também em diversas dezenas de variedades do espanhol americano.

Esses primeiros resultados estão em sintonia com os pressupostos clássicos da TVL. Esse quadro teórico admite que se deve verificar nos dados coletados a maior ocorrência da forma linguística avaliada como portadora de mais prestígio social em detrimento das variantes consideradas não padrão. Labov (2003), ao tratar de três tipos de regras gramaticais, estabelece a seguinte distribuição de regras: categóricas (100% dos casos); semicategóricas (95 a 99% dos casos); e variáveis (5 a 4% dos casos). Essa teorização aponta um caminho para se compreender matematicamente o processo de variação existente nas línguas naturais, e nossos resultados se enquadram nesses pressupostos quantitativos.

A configuração detalhada do processo de variação da lateral palatal / λ / deve ocorrer em função das forças linguísticas e sociais. Essas restrições afetam simultaneamente o fenômeno sociolinguístico, que é o que passamos a descrever nos próximos parágrafos.

3.2. Descrição e análise sociolinguística dos dados

Os dados da presente pesquisa foram obtidos a partir de um *corpus* de fala natural (entrevista sociolinguística). A amostra é constituída por 36 (trinta e seis) informantes naturais da cidade de Jacaraú (Paraíba) selecionados após a aplicação de 100 (cem) questionários. Para a seleção dos informantes, seguimos dois

critérios: (i) ser natural de Jacaraú (Paraíba) ou morar nessa comunidade desde os cinco anos de idade; e (ii) nunca ter se ausentado de Jacaraú por mais de dois anos consecutivos.

O *corpus* está estratificado por variáveis linguísticas (contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente, tonicidade, classe de palavra e número de sílabas do vocábulo) e sociais (sexo, escolarização e faixa etária dos informantes). Essas variáveis independentes constituem os diversos grupos de fatores que condicionam o uso do segmento fonológico em discussão.

3.3. Variáveis extralinguísticas

Optamos, neste trabalho, por não exibir várias tabelas como normalmente é feito nos trabalhos da TVL. A justificativa reside no fato de que se trata de uma retomada de um trabalho já anteriormente publicado e amplamente discutido. Assim, para cada grupo de variáveis, apresentaremos duas tabelas, isto é, uma para todas as variáveis sociais e outra para as variáveis linguísticas selecionadas pelo Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), respectivamente. A Tabela 3.1 exibe os efeitos das variáveis sexo, nível de escolaridade e faixa etária dos informantes sobre a variação da lateral palatal /λ/.

Tabela 3.1 – Efeito das variáveis *sexo*, *nível de escolaridade* e *faixa etária* sobre a variação da lateral palatal /λ/

Fatores	Aplicação/Total = Frequência	Peso relativo
Feminino	462/574 = 80%	0,63
1 a 8 anos de escolaridade	538/634 = 84%	0,73
15 a 25 anos	279/366 = 76%	0,70
Total	976/1463 = 66%	

Fonte: autor.

Input 0.72

Significância: 0.285

Os resultados exibidos na Tabela 3.1 indicam que o uso preferencial do segmento lateral palatal /λ/, na comunidade de fala pesquisada, ocorre com falantes do sexo feminino; com falantes de nível de escolaridade de 1 a 8 anos; e entre os mais jovens, com faixa etária de 15-25 anos. Esses condicionamentos são atestáveis tanto pelos percentuais/frequências quanto pelos índices de pesos relativos demonstrados.

Essa configuração sociolinguística estratificada nos aponta algumas direções. Tal abordagem de língua permite compreender como ocorre o condicionamento social das variáveis sobre o uso da lateral palatal /λ/.

A predominância da lateral palatal /λ/, majoritariamente na fala feminina em detrimento da fala masculina, está associada, por um lado, ao fato de geralmente falantes do sexo feminino demonstrarem maior consciência sociolinguística dos usos da língua do que falantes do sexo masculino. As variantes linguísticas desprestigiadas socialmente são alvo de desconforto, sanção e preconceito social e, devido a isso, as mulheres tendem a evitar seu uso. Por outro lado, usar a forma dita “padrão” da língua é também uma maneira de ocupar espaços sociais por meio da linguagem, e essa prática é cada vez mais frequente com falantes do sexo feminino que buscam se distanciar do modo masculino de falar.

Assim, entendemos que homens e mulheres passam a se diferenciar sociolinguisticamente por meio da variante linguística que usam. Na atual configuração social, homens e mulheres buscam desempenhar papéis sociais também diferentes, de modo que esse comportamento tende a refletir nos usos sociais da língua.

O fato de o uso da lateral palatal /λ/ ocorrer quantitativamente mais entre os falantes com nível de escolaridade de 1 a 8 anos é indicador do efeito do ensino. A prática educacional tem servido de gatilho/controlado no ensino de língua portuguesa quanto ao uso de formas linguísticas. Assim, como a forma /λ/, que se configura no dígrafo “lh”, é a variante canônica, não marcada do sistema consonantal do PB, recebe tratamento didático e é objeto de ensino-aprendizagem em detrimento de suas variantes coocorrentes. Portanto, são esperados sua maior ocorrência e uso nos dados investigados.

A outra variável social que está condicionando o uso da lateral palatal /λ/, em nossos dados, é a faixa etária do falante. Nossos resultados indicam que o fator de 15-25 anos é o elemento favorecedor desse condicionamento social, ou seja, o uso da lateral palatal /λ/ foi mais contabilizado entre os falantes jovens da comunidade de fala pesquisada. Comumente, os falantes jovens são aqueles que tendem a liderar os processos de variação linguística quando se estuda o fenômeno linguístico que está em mudança em progresso (Labov, 1982). Contudo, nossos resultados tomam outra direção, e, assim, podemos imputar esse fato a pelo menos dois efeitos: (i) às exigências do mercado de trabalho, que sempre tem priorizado o uso das formas canônicas/padrão da língua em detrimento das variantes não padrão; e (ii) ao fato de que os jovens estão cada vez mais inseridos em práticas diversas de letramentos (escolar, não escolar, digital etc.), as quais reverberam sobre a forma de usar as línguas.

3.4. Variáveis linguísticas

A Tabela 3.2 exibe o efeito das variáveis *contexto fonológico seguinte*, *contexto fonológico precedente* e *número de sílabas do vocábulo* sob a variação da lateral palatal /λ/. Estas foram as variáveis selecionadas pelo Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005) como condicionadoras da regra variável em discussão.

Tabela 3.2 – Efeito das variáveis *contexto fonológico seguinte*, *contexto fonológico precedente* e *número de sílabas do vocábulo* sob a variação da lateral palatal /λ/

Fatores	Aplicação/Total = Frequência	Peso relativo
Vogal labial	503/674 = 74%	0,61
Vogal coronal	430/528 = 68%	0,54
Trissílabo	462/616 = 75%	0,58
Total	976/1463 = 66%	

Fonte: autor.

Input 0.72

Significância: 0.285

Os resultados descritos na tabela em questão indicam probabilisticamente os contextos estruturais da língua que favorecem o uso da lateral palatal /λ/ na comunidade de fala pesquisada. Assim, de acordo com a Tabela 3.2, o uso da lateral palatal /λ/ é favorecido quando está no contexto seguinte uma vogal labial; no contexto precedente uma vogal coronal; e predomina maiormente em itens lexicais com três sílabas. Novamente, tanto os percentuais/frequências quanto os índices de pesos relativos auxiliam nessa compreensão.

As vogais com o traço [labial] favorecem a manutenção da lateral palatal /λ/ no contexto fonológico seguinte em detrimento dos sons vocálicos compostos pelos traços [coronal] e [dorsal]. Nesse sentido, realizações como as de *milho*, *embrulho* e *conselho* favorecem a permanência do segmento lateral palatal /λ/ no contexto fonológico seguinte.

Já em relação ao contexto fonológico precedente, ocorre o contrário. Os traços [coronal] e [dorsal] expressam o favorecimento para a manutenção do segmento lateral palatal /λ/ nessa posição. Assim, itens lexicais com vogais coronal (*brilhante*, *melhor*, *filhos*, *orelha*) e dorsal (*trabalhando*, *trabalhar*, *esmigalhar*) favorecem o uso do segmento lateral palatal /λ/ em nossos dados.

Por sua vez, os resultados da variável número de sílabas do vocábulo indicam que a aplicação da regra variável em estudo é favorecida em vocábulos que portam a casa de três sílabas em detrimento de palavras monossílabas, dissílabas

e polissílabas. Esse fato demonstra que há correlação entre o número de sílabas de um vocábulo e a realização do fenômeno variável em análise. Dessa forma, a realização da lateral palatal /ɺ/ ocorreu predominantemente em vocábulos como: *espelho, malhação, quadrilha e pavilhão*.

A variável *número de sílabas do vocábulo*, ou, como outros a definem, *extensão do vocábulo*, também confirma que os usos da língua não são aleatórios. O comportamento linguístico segue matematicamente certos caminhos que permitem a identificação do contexto favorecedor de uso de uma variante linguística.

4. PARA NÃO CONCLUIR!

O estudo em volta da variação linguística é sempre uma investigação desafiadora. Essa atitude é mais instigante quando estamos tratando de um processo sociolinguístico muito marcado socialmente, como no caso da regra variável envolvendo a realização da lateral palatal /ɺ/. Nesse sentido, a imersão no universo da variação linguística permite reflexões acerca do significado social de regras sociolinguísticas.

A variação da lateral palatal /ɺ/, já amplamente verificada em diferentes comunidades de fala do PB, continua sendo um fenômeno que impõe desafios ao pesquisador e à teoria linguística. Se (i) as variantes linguísticas desprestigiadas desse fenômeno sociolinguístico são portadoras de desconforto, sanção e preconceito social – maiormente as variantes [traba/j/ar, mo/j/o, ve/j/o] e [fi/Ø/o, fi/Ø/a, mi/Ø/o] – e (ii) são realidades empíricas da língua, cabe perguntar, por exemplo: qual é o status dessas formas linguísticas no atual contexto social de sociedades urbanizadas, industrializadas, situadas em contextos de mídias digitais e que admitem a plasticidade do cérebro?

Há muitas respostas para essa pergunta. Ao assumir os pressupostos da TVL, admitimos que a existência de variantes linguísticas não é um fato de uso puramente individual, mas, sobretudo, social. Assim, grupos de falantes fazem usos diversos da língua e compartilham entre si avaliações sociolinguísticas acerca dessa língua. Essa pressuposição desemboca, por exemplo, nas noções de comunidade de fala e de vernáculo de seus produtores (Labov, 1972 [2008]). Há um estilo linguístico em que há menos monitoração por parte dos falantes, e essa prática social da língua favorece o uso de variantes de baixo prestígio sociolinguístico dentro de um determinado agrupamento social.

Nossos resultados apontaram para a existência de um processo de variação estável na comunidade de fala investigada. Esse comportamento sociolinguístico

é condicionado por fatores de natureza estrutural e social simultaneamente. Esse postulado está previsto no quadro teórico-metodológico da TVL ao enfatizar o caráter social da linguagem humana.

Contudo, há vantagens e desvantagens em adotar o arcabouço da TVL para explicar a ocorrência de processos variáveis nas línguas naturais. Ademais, há outras abordagens linguísticas que também tratam da variação linguística, considerando outros escopos. Podemos refletir um pouco sobre esse ponto aqui, o que poderá despertar questões para desdobramentos no futuro.

Em relação às vantagens, passamos a enumerar algumas contribuições da TVL, que a cada dia ganha espaço de uma teoria da variação linguística, e não apenas o status de metodologia para descrever fenômenos variáveis. Como, infelizmente, não é possível discorrer sobre todas as prerrogativas nesse espaço, apontamos: (i) a possibilidade de captar o processo de variação no exato momento em que este ocorre, realizando uma espécie de “fotografia sociolinguística” da fala; e (ii) o efeito de frequência como forma de explicar esses processos sociolinguísticos. Portanto, assumimos que “[...] a mente trabalha estatisticamente” (Furtado da Cunha; Oliveira; Martelotta, 2015, p. 113).

Sabemos que a ideia de a variação linguística ser um fato intrínseco às línguas não foi mérito revelador da TVL, visto que outras abordagens linguísticas já haviam assinalado essa propriedade dos sistemas linguísticos – conforme apresentamos anteriormente. Todavia, apreender a variação linguística no momento de sua realização na fala de uma comunidade é, sem sombra de dúvidas, uma das contribuições que a TVL oferece aos estudos sociolinguísticos. Esse espaço discursivo fica muito evidente quando se afirma que não há protodialeto. Todas as formas linguísticas são portadoras de plenitude formal (Sapir, 1969) e exibem potencial semiótico (Faraco; Zilles, 2017) para dizer o que o falante pretende dizer ao enunciar.

No que diz respeito aos efeitos de frequência, a literatura da área é bastante produtiva e generosa. Gomes (2020), por exemplo, assinala que em fenômenos de mudanças sonoras – como também em outros, como em aquisição da linguagem –, os itens lexicais com maior frequência em detrimento dos que exibem menor ocorrência tendem a ser atingidos primeiro. Assim, “[...] as gramáticas codificam melhor o que os falantes fazem mais” (Furtado da Cunha; Oliveira; Martelotta, 2015, p. 113).

No entanto, também entendemos que, mesmo tendo atualmente um amplo alcance na agenda linguística nacional e internacional, a TVL apresenta algumas limitações. Portanto, após enumerarmos algumas vantagens, elencaremos alguns

entraves: (i) há dificuldade em trabalhar com a variável classe social; e (ii) parece não dar conta de fenômenos de polissemia (Martelotta, 2011; Bagno, 2020).

Figueroa (1994) já havia assinalado, por diversas razões, algumas dificuldades que a TVL apresenta em lidar com a variável classe social. Especificamente no contexto de pesquisa brasileiro, o emprego da variável classe social continua sendo um desafio posto, tanto que, nos envelopes de variação linguística, geralmente essa categoria não aparece como uma variável a ser controlada pelo pesquisador. Então, para sanar essa dificuldade, apoia-se em outros fatores sociais para medir o efeito de categorias sociais sobre os usos da língua, isto é, por meio da variável nível de escolaridade do falante. Assim, por consequência, deixam-se de ser captados plenamente alguns dos efeitos do significado social que emergiriam do uso de uma variante linguística feito por um grupo social específico.

A TVL tem investigado a correlação entre variantes linguísticas em competição sem se preocupar em como as variantes linguísticas surgiram, ou mesmo como ocorre o processo de polissemia. Então, essa preocupação tem sido realizada pela abordagem da mudança linguística na perspectiva construcional, ou na perspectiva de mudança linguística por gramaticalização, lexicalização, discursivização (Martelotta, 2011; Bybee, 2020). Por exemplo, segundo Martelotta (2011), realizações linguísticas como (i) ele vai para casa falar com Paulo, (ii) ele vai falar com Paulo e (iii) vai chover, em que a forma verbal *vai* desempenha uma nova função gramatical conforme as necessidades expressivas e comunicativas dos falantes e passa por processos de metaforização/metonimização e de polissemia, não são captadas plenamente pela TVL.

Bagno (2020) também, vai à mesma direção da discussão feita por Martelotta (2011). Para isso, cita o exemplo do uso e do surgimento de novas perífrases verbais, variação esta cuja origem a TVL não conseguiria explicar satisfatoriamente. Assim, as construções linguísticas (i) o rei tem conquistadas muitas terras e (ii) o rei tenha conquistado muitas terras, em que ocorreu a mudança de concordância de gênero e número, constituem formas que a TVL por si só não dá conta. Desse modo, essas alternâncias polissêmicas são desafios impostos à TVL.

Além disso, entendemos que está posto nos dias atuais um panorama de desafio para a TVL. Esse cenário passa necessariamente (i) pela reorganização metodológica de desenho de investigação sociolinguística que a TVL utiliza classicamente; e (ii) pela aferição do significado social da variação linguística.

Em relação aos novos formatos de pesquisa sociolinguística, reconhecemos que eles demandam uma articulação de métodos quantitativos com as técnicas qualitativas de investigação. Urge que as áreas de pesquisas linguísticas – e não só

nesse campo –assumam tendências inter, multi e transdisciplinares no processo de investigação linguística, visto que nossas sociedades já não são mais as mesmas e, portanto, requerem uma nova configuração social para que sejam pesquisados os usos sociais das línguas.

Em Freire (2016), tentamos realizar uma pesquisa nessa direção. Além do modelo clássico de quantificação usado no interior das pesquisas da TVL, conjugamos resultados de entrevistas sociolinguísticas com outros procedimentos de investigação. Das entrevistas sociolinguísticas foram descritas e analisadas qualitativa e especificamente o Módulo Linguagem, responsável por evidenciar aspectos da avaliação linguística, da metalinguagem, da gramática etc. Nos estudos, verificamos como os falantes que participaram da pesquisa avaliavam sua própria fala e a de outrem por meio do uso do Módulo Linguagem e, assim, empreendemos uma análise qualitativa desses dados e, posteriormente, na mesma comunidade, aplicamos um instrumento de avaliação, atitude e percepção linguísticas para captar parte dos efeitos dessas categorias sociais que o uso das variáveis clássicas da TVL não nos forneceria.

Procuramos em Freire (2016) estudar o fenômeno aqui já descrito, considerando duas dimensões: (i) a objetiva, ao se tomar o fato linguístico propriamente dito – /ʎ/ e suas variantes linguísticas –; e (ii) a subjetiva, ao considerar o falante – suas características socioculturais e correlatos subjetivos. Nessa interação de dimensões, chegamos a resultados bastante satisfatórios do processo de variação da lateral palatal /ʎ/ e dos aspectos de avaliação, atitude e percepção em torno desse segmento.

Nesse trabalho, com o auxílio de um instrumento de avaliação sociolinguística e por meio da proposição de uma Escala Gradacional de Aceitação (EGA), foi possível chegar a outras conclusões que apenas a perspectiva quantitativa da TVL não nos forneceria. Para exemplificar, nos parágrafos seguintes, retomamos o que apresentamos em Freire (2016).

Os resultados qualitativos obtidos permitem afirmar que as reações subjetivas coletadas indicam que o uso da lateral palatal /ʎ/ se dá independentemente do sexo do falante; é predominantemente uma forma linguística vinculada aos aspectos amigável, confiável e familiar de quem fala ou está associado a falantes que exercem profissão de prestígio social, como professores e engenheiros. Outrossim, concluímos que o falante desse segmento fonológico pode até ser do Nordeste, mas deve ser do Nordeste localizado em áreas urbanas. Posteriormente, ao compararmos os resultados da variante [ʎ] com as variantes [l, j, Ø], pudemos chegar a dois distintos padrões de variação sociodialetal.

Os correlatos subjetivos das variantes [l, j, Ø] indicaram também que essas formas linguísticas são associadas aos falantes paraibanos, independentemente do sexo. Todavia, o uso dessas variantes é relacionado diretamente ao falante paraibano de baixa escolaridade, além de serem específicas para estilo exclusivo em contextos comunicativos menos monitorados (informais). Além disso, verificamos que o uso de [l, j, Ø] é associado/caracterizado ao falar típico de falante “amigável, confiável e familiar”, porém foi substancialmente vinculado ao informante que exerce profissão de baixo status social, como garis, trabalhador braçal, camponês/rural. Dessa forma, essas variantes linguísticas podem até ser do Nordeste brasileiro – assim como foi reconhecida a forma [ʎ] –, mas são categoricamente avaliadas e reconhecidas como formas linguísticas de falantes de origem rural. O instrumento de avaliação, percepção e atitude demonstrou que [l, j, Ø] exibem altos índices de rejeição por parte dos juízes-avaliadores, o que demonstra que essas variantes se tratam de formas linguísticas desprestigiadas socialmente.

Trabalhos que tradicionalmente estão sob os postulados da TVL, de cunho laboviano, podem ser ampliados com pesquisas de estudos linguísticos voltados para as dimensões avaliativas, atitudinais e perceptuais. A partir dos correlatos subjetivos de fatos da língua, é possível chegar a padrões sociodialetais de uso. De acordo com nossos resultados, foi possível postular padrões sociolinguísticos diferentes demonstrados por meio das avaliações atribuídas a [ʎ] e a [l, j, Ø]. Assim, concluímos que os usos dessas variantes, respectivamente, podem ser agrupados em não marcado socialmente *versus* marcado socialmente.

Esse rearranjo teórico-metodológico ocasionou, de um lado, um melhor entendimento dos aspectos envolvidos nos processos de variação linguística; no outro, ajudou a compreender o significado social da variação linguística existente na comunidade de fala. Já sabemos que a variação linguística é uma realidade da língua e é justamente por isso que precisamos aprofundar os estudos sobre seu significado social.

Nosso trabalho também lança algumas luzes. A investigação sociolinguística permite desdobramentos para novas pesquisas, tanto de natureza metodológica quanto de natureza teórica, e os resultados podem alcançar novos significados se empregados novos suportes teóricos. Assim, os estudos de fonologia, na perspectiva dos modelos de exemplares (Gomes; Carnaval; Melo, 2020, por exemplo), constituem uma nova alternativa de pesquisa. Gomes, Carnaval e Melo (2020), que já haviam analisado a realização da consoante (r) em final de sílaba ou coda (r) no falar do Rio de Janeiro, a partir desse novo arcabouço teórico-metodológico empreenderam uma reconfiguração dessa regra variável por eles estudada, possibilitando uma

compreensão diferente acerca dessa variação linguística, sobretudo ao considerar o detalhe fonético envolvido na variação da consoante (r) em final de sílaba.

Em nossa pesquisa, tratamos a variação de [fi/ʎ/o ~ fi/Ø/o; fi/ʎ/a ~ fi/Ø/a; mi/ʎ/o ~ mi/Ø/o] como processos de apagamento. Contudo, a partir da análise acústica e considerando o detalhe fonético, tal como propõe a abordagem dos Modelos de Exemplos ou Modelos Baseados no Uso (Gomes, 2020), poderemos identificar se há ou não aumento de duração compensatória na sílaba de cada item, especificando os contextos de ausência da lateral palatal /ʎ/ nos dados pesquisados.

Outra hipótese de trabalho ainda envolvendo o segmento lateral palatal /ʎ/ surge dos trabalhos em tipologias linguísticas. Bossaglia (2019), por exemplo, aponta que a despalatalização de /ʎ/ é um traço fonológico compartilhado com outras variedades do português africano e/ou se remete à influência do substrato indígena. Assim, aqui há a necessidade de pesquisas documentais, diacrônicas etc. que mostrem evidências ou não desses postulados no PB.

Outras abordagens variacionistas podem contribuir para o entendimento de processos variáveis nas línguas. Os pressupostos da Sociolinguística Cognitiva (Ferrari, 2016) ou da Sociolinguística fundamentada na noção de redes sociais (Milroy, 1980) são alternativas produtivas de estudos nessa área.

É possível, ainda, aprofundar e delimitar detalhadamente os elementos tripartites (cognitivos, afetivos e comportamentais) das atitudes linguísticas (Garrett, 2010) ou aprofundar a tese proposta por Rodrigues (2010) de que a variação de [ʎ ~ j] é resultante da influência indígena sobre o PB.

Outro caminho longo e árduo que a TVL deverá percorrer diz respeito aos estudos envolvendo a linguagem inclusiva. Essa perspectiva volta-se também para o uso não sexista da linguagem (como apontam os estudos de Fischer (2020) e de Franco e Cervera (2006)). Como a língua se constitui como reflexo da sociedade, exhibe, por meio das estruturas linguísticas, os processos de socialização que emanam dela.

Sabemos que existem muitos caminhos a percorrer e, por isso, não concluímos aqui nossos estudos.

5. REFERÊNCIAS

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Parábola, 2020.

ARAGÃO, M. S. S. Convergências fonéticas no falar da Paraíba e do Ceará. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *Estudos Geolinguísticos e Dialectais Sobre*

o Português: Brasil/Portugal. Campo Grande: Editora da UFMS, 2008. p. 181-200, 2008.

BAGNO, M. Apresentação. In: BYBEE, Joan. *Mudança linguística*. Tradução, apresentação e notas de Marcos Bagno. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BOSSAGLIA, G. *Linguística Comparada e Tipologia*. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

BRANDÃO, S. F. Um estudo variacionista sobre a lateral palatal. *Revista Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 89-99, set. 2007.

BYBEE, J. *Mudança linguística*. Tradução, apresentação e notas de Marcos Bagno. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2002.

CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. *Gramática Histórica: colegial e vestibulares*. - 7 ed. São Paulo: Ática, 1971.

CASTRO, V. S. A. *A resistência de traços do dialeto caipira: um estudo com base em Atlas linguísticos regionais brasileiros*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

CEDERGREN, H.; SANKOFF, D. Variable Rules: performance as a statistical reflection of competence. *Language*, v. 50, n. 2, 1974.

CLEMENTS, G. N. Place of articulation in consonants and vowels: a Unified Theory. *Working Papers of the Cornell Phonetic Laboratory*, Montreal, v. 5, p. 77-123, 1991.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (org.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1995.

FARACO, C. A. Estudo Pré-Saussurianos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. v. 1. p. 27-52.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. S. *Para conhecer norma linguística*. São Paulo: Parábola, 2017.

FERRARI, L. Sociolinguística Cognitiva. In: MOLLICA, M. C.; FERRZREZI JUNIOR, C. (org.). *Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

FIGUEROA, Ester. *Sociolinguistic metatheory*. Language & Communication Library, Vol 14. Oxford: Pergamon, 1994.

FISCHER, A. *Manual Prático de Linguagem Inclusiva: Uma rápida reflexão, 12 técnicas básicas e outras estratégicas semânticas*. São Paulo: Tecidas, 2020. p. 1-20.

FRANCO, P. V.; CERVERA, J. P. *Manual para o uso não sexista da linguagem: O que bem se diz... bem se entende*. Sete Lagoas (MG): UNIFEMM, 2006.

FREIRE, J. B. Variação da lateral palatal em falares do RN e da PB: Um estudo geo-sociolinguístico. In: ABRALIN EM CENA, IV edição, 2013, Cuiabá. *Anais (...)*. Cuiabá: UFMT, 2013. p. 1-12.

FREIRE, J. B. *Variação da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

FREIRE, J. B. *Variação, estilo, atitude e percepção linguística: o caso das laterais /k/ e /l/ no falar paraibano*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. Rumos da linguística funcional. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 111-116.

GARRETT, P. *Attitudes to Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

GOMES, C. A. (org.). *Fonologia na perspectiva dos modelos de exemplares: para além do dualismo natureza/cultura na ciência linguística*. São Paulo: Contexto, 2020.

GOMES, C. A.; CARANAVAL, M.; MELO, M. Variação da coda (r) em interior de palavra na comunidade de fala do Rio de Janeiro. In: GOMES, C. A. (org.). *Fonologia na perspectiva dos modelos de exemplares: para além do dualismo natureza/cultura na ciência linguística*. São Paulo: Contexto, 2020. p. 157-176.

HORA, D. (org.) *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria: Pallotti, 2004.

ILARI, R. *Linguística Românica*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2008.

LABOV, W. [1972]. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno e Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola, 2008.

- LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHAMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (ed.). *Perspective on historical linguistics*. Amsterdã: John Benjamins, 1982. p. 17-92.
- LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (ed.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.
- LABOV, W. The social motivation of sound change. *Word*, n. 19, p. 273-307, 1963.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MATZENAUER, C. L. B. O espaço fonológico da variação. In: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (org.). *Sociolinguística e Ensino: Contribuições para formação do professor de língua*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.
- MEILLET, A. O estado atual dos estudos de linguística geral. In: MEILLET, A. *A evolução das formas gramaticais*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 1906. p. 37-52.
- MILROY, L. *Language and Social Networks*. Oxford: Blackwell, 1980.
- RODRIGUES, A. D. Tupi, tupinambá, línguas gerais e português do Brasil. In: NOLL, V.; DIETRICH, W. (org.). *O português e o tupi*. São Paulo: Contexto, 2010.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X. Computer Program*. Department of Linguistics, University of Toronto, Canadá, 2005. Disponível em: http://individual.ca/tagliamonte/goldvarb/GV_index.htm. Acesso em: 14 ago. 2020.
- SAPIR, E. [1924]. O gramático e a língua. In: SAPIR, E. *Linguística como ciência – Ensaios*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969. p. 29-42.
- SILVA, R. V. M. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- TEYSSIER, P. [1980]. *História da Língua Portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- WARDHAUGH, R. *An Introduction to Sociolinguistics*. 6. ed. Malden (MA): Blackwell Publishing, 2010.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. [1968]. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

WETZELS, L. *The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese*. *Probus* 9, volume 2. Amsterdam. p. 203-232. 1996.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Tradução de Antônio Houaiss. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

